

Os pensamentos de um pai
sobre valores essenciais

Quero que meus filhos saibam

THOMAS D. MURRAY

«**E**SPERE até ter filhos; sua vida nunca mais será a mesma.» Sempre parti do princípio de que estas palavras eram um aviso do previsível preço que se tem que pagar pelo tempo, cuidados e atenção com esses narizinhos arrebitados, sapatos de salto alto e traseirinhos macios e gorduchos – com esse inestimável tesouro, essa fofura que são as crianças. Sabia que ia ter de ensinar ao meu filho um milhão de coisas: andar de bicicleta, dar laço nos cordões dos sapatos. Acho que não contava com maiores envolvimento que essas pequenas lições, além de muito amor.

Agora penso de outra maneira; agora tenho filhos.

Sei que quando você ensina uma criança a dividir dez por cinco, a lição tem um princípio e um fim, mas quando se tenta ensinar uma menina a tornar-se mulher ou um menino a tornar-se homem, a lição é tão longa como a vida.

Esquecer de ensinar, estar cansado demais para ensinar ou preferir não ensinar não faz com que a tarefa deixe de existir – simplesmente modifica a lição, pois nenhuma coisa ensina melhor a indiferença ou a apatia que a própria indiferença e a própria apatia.

SE eu só ensinar a meus filhos uma coisa, quero que ela seja compreenderem a relação absoluta e profunda que existe entre a felicidade e o amor.

Não pretendo fazer-lhes grandes preleções sobre o amor. Em primeiro lugar, não conheço nenhuma maneira de lhes explicar *por que* amo a mãe deles; e quanto a amo não é algo que eu possa dizer, mas algo que devo demonstrar.

Direi a meus filhos que a felicidade dos seres humanos é muitas vezes medida em períodos de tempo irrealistas. Quero que compreendam que a vida não é

para ser vivida durante o tempo de uma existência inteira, nem mesmo por períodos menores, mas em manhãs ensolaradas e tardes nevosas, em piqueniques no quintal, na espera que a febre de uma criança desça, em ficar sentado sossegadamente ao lado de seu marido ou de sua mulher numa noite de quarta-feira ou em ir buscar o vestido dela ou o terno dele na lavanderia. Quero que saibam que, se não conseguem encontrar a felicidade aqui, não a encontrarão lá longe, depois do horizonte.

Penso que um pai ou uma mãe devem fazer seus filhos compreender bem o que é a honestidade e a integridade. Quero que os meus saibam que essas qualidades são boas companheiras que nos ajudam como nós próprios, e que elas parecem atrair os outros para nós. A integridade humana tem as mesmas vantagens da integridade das estruturas – ambas mantêm as coisas coesas, custe o que custar.

Quero que meus filhos compreendam que o mundo não é mais que as pessoas, e que só conseguiremos delas aquilo que lhes dermos; que seremos seres humanos mais felizes amando em vez de odiar e ajudando em vez de ferir.

QUERO que meus filhos saibam que existe apenas um pouquinho de verdadeira magia nesta vida, que realmente pode mover montanhas e transformar sonhos em coisas que se possam tocar, sentir,

ver e gozar. E isso se chama: «Acredite em si próprio.»

Quero que saibam que quase todas as pessoas podem realizar aquilo que *pensam* que podem. Quero que uma criança compreenda que, se acredita nela mesma, pode utilizar sua energia, trabalhando no sentido de conseguir aquilo que quiser ser ou fazer. Nada de pensar se será ou não bastante capaz para tentar fazê-lo; a preocupação com isso vai cansá-la tão depressa quanto o próprio trabalho, e, o que é pior, não vai deixá-la sair da linha de partida.

QUERO que meus filhos saibam que não há nada como um homem ou uma mulher bons. O que quer que mais desejem que seu trabalho lhes traga (respeito, elogios, dinheiro, segurança, satisfação), vir a ser um bom homem ou uma boa mulher vai torná-lo possível mais depressa do que qualquer outro meio.

Talvez, quando eles puderem entender isso, eu lhes conte a história do fabricante de móveis que estava mostrando a um cliente a perfeição do seu acabamento até nas costas das gavetas de uma pequena cômoda que tinha acabado de fazer.

«Por que é que o senhor teve tanto trabalho com a parte de trás?» perguntou o cliente. «Ninguém vai querer saber como está.»

O artesão acariciou amorosamente a tampa da cômoda e respondeu: «*Eu* vou saber.»

TENTAREI comunicar a meus filhos um sentimento de segurança, e espero que eles desenvolvam uma disposição e uma habilidade para pensar; que se sintam à vontade, com o espírito aberto. Tenho que lhes ensinar que as conclusões são como os carros – precisam ser cuidadosamente revistos amiúde, e, de vez em quando, têm de ser trocados por novos.

Os médicos poderão dizer ao meu filho que a saúde dele ou a duração de sua vida dependerão em grande parte daquilo que ele come. Eu vou dizer-lhe que acho que depende ainda mais daquilo que ele pensa, pois as pessoas de espírito mais aberto (os verdadei-

ros pensadores, os escritores, os grandes artistas e os filósofos) muitas vezes atingem grande longevidade.

Eu diria que isso acontece porque as atitudes, mais do que a idade ou os coeficientes de energia, fazem com que as pessoas pareçam velhas ou jovens; porque as pessoas que nunca bloqueiam seus cérebros, que nunca se aposentam mentalmente, raramente parecem decair física ou espiritualmente. Nunca perdem uma espécie de apetite infantil pelo que vai acontecer, e sempre parecem estar escutando uma vozinha que as empurra e puxa, para que nunca percam o momento do nascer do Sol.



HÁ ALGUNS anos, quando o colunista Norton Mockridge era editor regional de um importante jornal, que já não existe, e conversava com um repórter que tinha feito a cobertura de uma reunião política, perguntou-lhe: «Que é que o grande candidato tem para dizer?»

«Nada», respondeu o repórter.

«Muito bem», replicou Mockridge, «então, reduza a matéria a uma coluna.»

– S. A.

UM HOMEM dizia que sua gata era muito esperta por dormir em cima do aparelho de televisão, e apresentava três razões: «Primeira, ali em cima, não há o perigo de ser pisada. Segunda, é um ótimo lugar, quentinho. Terceira, é o único ponto da sala de onde você não vê televisão.»

– J. Z.

ENQUANTO esperávamos pela cadeirinha do funicular que nos conduziria ao alto da montanha para esquirmos, meu marido e eu tivemos uma breve discussão. Quando a cadeirinha chegou, sentei-me e continuei a discutir, mas só quando ela já estava no ar é que notei que um estranho ia sentado a meu lado. «Mas o senhor não é meu marido!» exclamei para o homem.

Sua resposta foi imediata: «Ainda bem!»

– R. G. F.